

## O ARTISTA EDITOR: ENTRE DIÁRIOS DE PROCESSO E AS PUBLICAÇÕES

GABRIELI DOS SANTOS DA SILVEIRA<sup>1</sup>; HELENE GOMES SACCO<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – [gabrieli.silveira@gmail.com](mailto:gabrieli.silveira@gmail.com) 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [sacco.h@gmail.com](mailto:sacco.h@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este resumo procura levantar os gestos que atravessam o processo de criação de trabalhos vinculados à minha pesquisa de Mestrado junto ao PPGArtes da UFPel. Abordo movimentos e procedimentos realizados na fase inicial de um trabalho, quando ainda estão no interior dos cadernos de processo e que me levam a selecionar, transformar os escritos, as imagens e desenhos do meu caderno em trabalhos de arte através da publicação artística. São etapas em que analiso o processo de edição manual e digital e, até mesmo aquelas em que é possível perceber potencialidades, a ponto de reconhecer o próprio rascunho como trabalho. Dessa forma este resumo procura reconhecer os diários de processo como estratégia de criação, pesquisa e território de cultivo para o artista editor.

### 2. METODOLOGIA

A presente pesquisa intitulada *Fabulações enciclopédicas em coleções zoomórficas*, está em desenvolvimento no Mestrado em Artes, na linha de pesquisa de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano. Nela utilizo a Metodologia da Pesquisa em Artes Visuais, que se debruça sobre a observação do processo de criação e os movimentos de um ir e vir entre teoria e prática. Estabelecendo como estratégia alguns instrumentos para uma análise poética da própria obra, como os diários de processo (REY, 2002). Neste artigo parto exatamente de meus diários, observando o percurso de minhas escolhas no momento de criação dos trabalhos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O espaço da publicação que é esse “espaço alternativo” (LINKER, 1980, p.75. apud MØEGLIN-DELCROIX, 2015, p.163), têm mais em comum com os panfletos, cartões postais e outros pequenos materiais impressos do que com o trabalho encadernado que tem certo volume e que chamamos de livro (MØEGLIN-DELCROIX, 2015, p.162) e também foi onde ultimamente pude ver o meu trabalho mais aflorar e ser potencializado. Quando tomei consciência sobre meu diário de processo, passei a exercitar muito mais esse lugar. Na graduação eu desenvolvi vários trabalhos que eram grandes onde eu os desenhava já grandes, trabalhos que eram no mínimo sempre em A3, mas com o passar do tempo passei a criar estudos em desenho que antecedem trabalhos maiores e então passei a fazer dos *sketchbooks*, que são meus diários de processo, uma dimensão do trabalho que vejo como fundamental. É lá onde ficam todos os desenhos e rascunhos que planejo aos poucos transformá-los em trabalhos de arte e não apenas como desenhos soltos no caderno. O diário permite também a ação do nosso olhar sobre os desenhos, o tempo age na compreensão das formas, dos sentidos e dos desdobramentos possíveis. Com o tempo passei a

achar esses “rascunhos” suficientemente acabados e passei algumas vezes a usá-los como trabalhos.

talvez seja a porosidade dos textos e imagens o que faz um caderno ser um caderno de desenho, os cadernos não têm uma unidade. uma multiplicidade de coisas diferentes coexistem num mesmo espaço. mesmo quando um artista se esforça para destinar um tema ao caderno, sempre há vazamentos, perfurações e toda sorte de interferências e invasões. uma frase ouvida numa palestra, uma notícia na tv, um recorte, uma foto, uma seta. nada parece querer ser unido com coesão. tudo se fragmenta e dispersa. as coisas aparecem e poderiam desaparecer. os cadernos não têm capítulos, não têm seções, não têm divisórias. os lembretes urgentes da vida prática estão ao lado de cuidadosos desenhos de observação. (DIAS, 2011, p.185)

Quando Aline Dias define o que é o caderno de desenho, se aproxima muito do meu modo de trabalhar, nessas páginas do meu caderno que trago logo abaixo há uma lógica muito pessoal que só eu posso definir e dizer sobre o que se trata. Por exemplo as colagens nas páginas tratam de um teste que eu comecei a fazer em bobinas térmicas, papéis que são utilizados para impressão de notas fiscais, onde eu comecei a desenhar com canetas hidrocores sobre esses papéis, pois estava atrás de uma superfície que fosse a mais lisa possível, que não sugasse tanto a tinta da caneta para dentro do papel, pois já há um certo tempo passei a desenhar com essas canetas por ser o material que mais combina com o meu jeito de desenhar. Entre os desenhos existem anotados ideias para a minha pesquisa de dissertação, ideias de títulos, ideias sobre o que pesquisar e a ideia que me gerou a intenção de desenhar esses insetos, meu trabalho intitulado “o universo no vão da porta”, aponta justamente que eu estava atrás desses insetos que coexistem conosco em casa. Os desenhos, além de todas as suas particularidades, são desenhos de observação de insetos que realmente estiveram presentes na minha casa.



Imagem 1 e 2: Gabrieli Silveira, página do meu diário de processo e cartaz *Universo no vão da porta*, 2023.

Ela também também diz que o caderno não é um espaço de exposição. talvez por não ser pensado para ser publicado num livro, nem exibido numa exposição, é no caderno que o artista se expõe (DIAS, 2011). Para mim a

publicação passou a ser espaço onde eu exponho o íntimo das minhas ideias que viviam no meu diário e não sabiam que podiam se portar como arte, como se pulassem para fora desse espaço pessoal. Outro aspecto do meu modo de trabalhar é que eu gosto de desenhar em espaços pequenos, meus diários de processo são sempre em tamanho A5 e pra mim sempre foi o tamanho perfeito, o tamanho do meu gesto, não só tenho controle completo do espaço que eu desenho como também é perfeito para sempre carregar comigo na minha bolsa ou na minha mochila e eu desenhar em qualquer lugar que eu esteja, dependendo da minha urgência em desenhar.

Esse movimento de reconhecer nos cadernos desenhos que pudessem se desdobrar em trabalhos, me fez compreender que há na minha forma de criar um gesto de artista editora, de imagens, desenhos, ideias, textos, espaços... Então esse gesto de edição de conteúdos, tão recorrente na tecnologia e no mundo da pós-produção passou a me indicar formas, meios e estratégias de atuação. Foi pensando nisso que comecei a pensar na ideia do artista editor. Gabi Bresola define a edição da seguinte forma:

Edição. Editar. A palavra edição tem dois sentidos: decupar o trabalho até que ele chegue em um ponto em que ele é apresentável, e editar no sentido de publicar. Na verdade, são duas coisas mas seguem o mesmo pensamento. Acho que até antes de eu editar, de autoeditar, eu me aproprio. Só o fato de eu me apropriar de muita coisa já é um exercício de edição. (BRESOLA, 2020, p.3)

A edição nos meus trabalhos perpassam por todos os sentidos que a autora evoca. Primeiro decupando meus desenhos até que ele chegue nesse ponto apresentável, o que me leva a ser um dos motivos que eu faço desenhos tão pequenos, quanto maior eu desenho mais detalhes eu vou acrescentando sem parar enquanto completo a figura desenhada (que são geralmente bichos) e prefiro quando os resolvo com linhas mais simples e menos detalhes, pois me obriga a pensar melhor a forma do desenho e como dito anteriormente, gosto de ter esse controle enquanto desenho os pequenos seres e acabando criando esse mundo em miniatura. Essa primeira parte é a minha edição manual, às vezes refaço os desenhos ainda menores no caderno para que tenham ainda menos detalhes dependendo do que eu vou desenvolver enquanto publicação que é quando entra a segunda definição de edição, o processo de publicar.

Houve sempre uma Gabrieli fragmentada em várias ideias desde antes do mestrado: a que estuda os bichos mais cientificamente, a que cria incansáveis desenhos no diário de processo, a que brinca com a palavra secretamente porque acha que não escreve bem e que edita porque aprendeu design sozinha desde muito pequena explorando o computador. Na publicação foi o momento onde a minha fragmentação sumiu, pois pude dar conta da ideia de cada uma delas, na edição das publicações veio como trabalhar com o bicho ecologicamente e evocar sentidos políticos através delas, os bichos que se escondiam nas frestas dos cadernos, as palavras tímidas e design de tudo isso junto pensando desde o escaneamento desses desenhos, às fontes e diagramação.

Meu lugar de trabalho onde acontece toda a mixagem das ideias é o GIMP, um programa de código aberto de edição que é gratuito e mantido por uma comunidade, as fontes que eu utilizo nos meus trabalhos geralmente é a *Titania*, uma fonte que também é gratuita que possui uma forma singelamente orgânica inspirada nos posters *hippies* dos anos 60 (que por sua vez se inspiraram na *Art Nouveau*). É no processo de edição que me dou conta do quão metódico é o meu

modo de trabalhar e as minhas escolhas, nada é em vão onde entra a última ideia de edição. A edição enquanto apropriação de ideias também ocorre, me aproprio de imagens, de bichos que encontro na rua, de programas que me interessei por motivos específicos, de fontes que partem de uma certa ideia, uma certa estética e dos textos que conversam e convivem com o desenho, todos unidos em uma publicação.

Quando eu construí o *universo no vão da porta*, foi pensando em todas as ideias anteriores apresentadas no texto, esses três bichos também estão presentes no meu caderno. O percevejo foi um desses casos onde eu redesenhei o bicho para que ficasse um pouco mais simples antes de entrar no espaço da publicação, a fonte utilizada foi a *Titania* e espalhei as letras para que fosse o mais orgânico possível e “conversasse” com os bichos, além do texto ser vazado para se relacionar com os vãos da casa. O texto os chama desse lugar, o formato da figura que junta todos eles além de lembrar cômodos da casa e o telhado é inspirado numa estante de brinquedos que eu tenho desde bem pequena que tem essa divisão como uma casinha cortada no meio, onde eu deixava exposto meus bichinhos em miniatura de brinquedo.

O espaço da publicação me permite também que eu possa trabalhar com uma ideia fazendo várias edições (tiragens) diferentes, o *universo no vão da porta* já foi dividido em dois pôsteres em A3, um com o texto e outro com os pequenos seres separados, já foi publicação-livro onde os dois conversavam juntos dividindo o espaço e agora nasceu de novo como esse novo pôster, todos seguindo a mesma lógica de edição e explorando novos desdobramentos, cores, tamanhos a partir do que se esconde nos meus diários de processo.

#### 4. CONCLUSÕES

O papel do artista editor permite que do desenho, recorte e da mixagem de ideias, imagens e palavras a publicação floresça através do trabalho que é bastante minucioso e quase invisível aos olhos de fora e que assim que a publicação está pronta, é um o processo que o leitor pouco acessa, mas é muito importante para o artista pesquisador, que faz a pesquisa acadêmica caminhar junto com o processo poético. Desta forma a prática de diários de processo não só ajuda o artista editor no processo de criação dos trabalhos, mas no processo de acompanhamento e desdobramento da própria pesquisa. Por ser diário tem uma conexão com os dias e a vida, cria uma memória do processo e possibilita aberturas de novos trabalhos no futuro.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRESOLA, G. **O que você faz ou pensa estar fazendo quando faz edição?**. editora editora, 2020. 3v.
- DIAS, A. **Cadernos de desenho**. Florianópolis: Corpo Editorial, 2011.
- MÖGLIN-DELCROIX, A. Pequenos livros & outras pequenas publicações. Tradução de CADÔR, A. B. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v.5, n.9, p. 161-165, 2015.
- REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, B. TESSLER, E. **O meio como ponto zero**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002. Cap.9, p.123-140.